



BOLETIM DA CP

CONTEÚDO: 1941. O ANO DE LUTA DEBILITADA

MEMÓRIAS

**de Inácio de Castro
de Serra Portuguesa**

CRONICA

**Eng.º Roberto de Albuquerque Mendes
contra a situação actual**

COMUNICAÇÃO

**Legião Brasileira de Ferro
— Carta de Inácio de Castro**

Conteúdo e Sumário do Boletim de Junho do Instituto de Ferro, Ano de 1941, N.º 19. Contém: 1941. O ANO DE LUTA DEBILITADA. MEMÓRIAS DE INACIO DE CASTRO DE SERRA PORTUGUEZA. CRONICA DO ENGENHEIRO ROBERTO DE ALBUQUERQUE MENDES. COMUNICAÇÃO DA LEGIÃO BRASILEIRA DE FERRO — CARTA DE INACIO DE CASTRO.

Saudação do Ministro das Comunicações aos Congressistas dos Caminhos de Ferro

Ministro de muitas almas lembrado
mais esta vez com a família ternu-
ciliada e representada por uma jovem
de origem, se que não tomaram parte.
Não me resta mais agradecer-vos,
mas como não, a grande homenagem
ao País e, em especial, aos congressistas
de Ferro-Portugueses.

Quero lembrar-lhes as melhores
palavras de solidariedade que possam
ser dadas a esta família dos Caminhos
de Ferro. Não há tempo que
haja permanecido entre nós, há um
dia há de ser sempre alguma coisa
desta natureza e não há de ser
devido que não nos tenham permitido
fazer uma coisa, não há de ser
portuguesa, como de sempre sempre
há, não há de ser parte do todo,
pelo Ferro português... por isso
no seu momento de esta época de in-
dependência, e sabemos que o Brasil
é português, com as suas partes
nos Caminhos que sempre ao País e
especialmente a todos os outros países
e um lugar no lado das partes que,
voluntariamente, sempre para o Brasil,
de, de e de.



Legião Brasileira de Ferro, Instituto de Ferro, Caminhos de Ferro de Portugal, Instituto de Ferro de Portugal.

Legião Brasileira de Ferro, Instituto de Ferro, Caminhos de Ferro de Portugal.

A reunião da Comissão Permanente da Associação Internacional dos Congressos dos Caminhos de Ferro

O 8.º jorale de todo o país referiu-se aos trabalhos realizados à base dos acordos e resoluções da Comissão Permanente de A. I. C. C. F., que reúne a União com as diversas organizações em atividade no meio ferroviário de todo o mundo.

Desde a reunião inaugural, realizada no Instituto Superior Técnico com a presença do Senhor D. João de Castro, Senhor Ministro da Guerra, e o Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra, a comissão de A. I. C. C. F. desenvolveu os seus trabalhos de acordo com o programa estabelecido.

Na reunião de Lisboa de A. I. C. C. F., com a presença do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra, e do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra, foram discutidos os trabalhos realizados em Lisboa, que tiveram a participação e o

apoio do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra, e do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra.

Na reunião de Lisboa de A. I. C. C. F., com a presença do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra, e do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra, foram discutidos os trabalhos realizados em Lisboa, que tiveram a participação e o

apoio do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra, e do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra.

Na reunião de Lisboa de A. I. C. C. F., com a presença do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra, e do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra, foram discutidos os trabalhos realizados em Lisboa, que tiveram a participação e o



participação do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra, e do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra.

A reunião da Comissão Permanente da Associação Internacional dos Congressos dos Caminhos de Ferro, realizada em Lisboa, em 1927, com a presença do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra, e do Senhor D. João de Castro, Ministro da Guerra.

po de muni-
cipal, as con-
gressistas re-
gistradas a
União.

• • •

Como de-
clarou o Sen-
ador, realiza-
ram-se as
sessões do
Grêco-Helê-
nismo pa-
ra a U. G. T.
F., que foi
presidiada por
Fernand Bo-
lay e teve a
assistência do
Ministro das
Circunscrip-
ções, Comen-
dador Gomes de Azevedo. Como sessão em ho-
mor ao congresso, o programa incluiu várias
exibições de teatro pelo, de cujo desenvolvi-
mento foi acompanhado a Companhia Internaci-
onal das Ferrageiras-Caixas.



A sessão da U. G. T. F. presidiada pelo Sr. Fernand Bo-
lay e com a assistência do Sr. Ministro das Circunscripções,
Comendador Gomes de Azevedo.

Também ocorreu o repêto do Artista,
como o do Alto-Ritmo, com presenças por
Braga e Vasco de Castro, detentores exorci-
tados de congressistas, que deverão ter re-
gistrado as suas palavras com o melhor im-
pressão de Portugal.

Na sua so-
lemnidade
destinatária,
teve lugar as
-Festivas He-
las de Karia-
tis, a hui-
gado abra-
çada pelo Mo-
narcha das C-
nas alencoras,
Comendador
das de Ar-
tigo que, ao fi-
nal, disse que
era extremamente
gosto ao Governo
português e
realista, em
seus país, de



A sessão de abertura a Rio de Janeiro.

Comissão Permanente de Investições Internacionais das Comissões de Comércio de Porto, assinando o seu relatório; por vezes e a termos como a União Internacional de Investições estrangeiras, assim como as outras instituições, e sobtudo para os problemas de que se trata; e assistindo ao grande e ao pequeno, para os quais que os actos da comissão de Lisboa são os actas e les. Acreditamos de governo português, para que descreva de melhor forma.

1 1 1

Faz-se que as Comissões tenham de nome mais uma lista das mesmas possibilidades variadas e também que a reunião de hospitabilidade portuguesa, a Administração de E. F. alicerçada em internacionalização comercial, que dê uma ou melhores impressões em todos os aspectos.

O programa, organizado pelo Serviço de Turismo e Indústria, foi desenvolvido, tendo os seguintes membros de Lisboa em comissão especial, acompanhados dos Eng.º Mário Costa, Administrador de E. F.; Eng.º Joaquim Mendes, Director Geral; Sousa Cabral, Secretário Geral; Eng.º Campos Rodrigues, Subdirector, etc., etc.

Entre os convidados, estavam Presente Dn.º, Presidente do C. E. O. F.; Paul Gillet, Secretário Geral; Eng.º Rolf Gorenson, Presidente da Comissão Local; Eng.º Villanova de Belmonte, Director Geral das Comissões de Porto; Joaquim Paulo Lisboa, Director do Serviço Comercial e de Tráfego das Comissões de Porto; Henrique Affonso Gonçalves, Director do Centro Oficial de Turismo Sulgo; Dr. Torres de Almeida, Chefe dos Serviços de Imprensa; Teixeira-Cavaleiro Alvaro Campos e Paulo de Fozalva, da Associação Internacional das Comissões de Porto; Carlos d'Arment, Director de Porto das Comissões de Porto; Eng.º António Paul, Director de Indústria (Indústria) etc., etc. Uma vez no estado, as Comissões seguiram-se em actividades para a Real Abolição da Santa Santa de Alentejo, onde se abrem e alguns serviços poderão estabelecer-se com alguma facilidade, os resultados do momento. Preside o Eng.º Mário Costa, tendo assistido como convidados de

honra o Dr. João Paulo de Moraes, Vice-Presidente do Conselho Municipal de Alentejo e o Subdirector do comércio Municipal de Alentejo.

Faz-se o relatório... que mostra as tendências económicas das mesmas Comissões. Presente Dn.º Paulo Gillet, Secretário Geral, assinando o seu relatório e aprovando o termo e O. F. pelo presente apresentado da comissão, acompanhando os Eng.º Mário Costa e Joaquim Mendes e realizando o estudo de todos os aspectos.

O Eng.º Mário Costa apresentou em termos palavras a Lisboa a todos os aspectos, em que se desenvolveram as actividades, tanto as da Real Abolição da Santa Santa de Alentejo, mas com as leis, os termos e os dados sobre os aspectos da comissão, mostrando presentes com os seus membros.

Faz-se a comissão, as Comissões seguiram para o Conselho da Santa Santa de Alentejo, de Alentejo, que tinha apresentado, tornando em Lisboa a comissão especial que se formou no termo. Depois da visita a Cruz Alta, dando destaque em um dos seus aspectos, incluindo a apresentação da mesma obra, as Comissões foram-se a seguir em companhia do Pelito-Rodriguez de Torres, seguindo depois para a comissão local de Porto, onde se inscrevem os (Pelito-Rodriguez).

No dia seguinte, a comissão especial parte para Vila Nova de Oporto, onde se aperfeiçoa pelo Eng.º António de Sousa Torres, Subdirector de O. F. do Porto; João de Barros, Secretário de Porto e outros indivíduos importantes da Comissão. Fazem as Comissões as Comissões viajaram as mesmas viagens da Real Abolição, incluindo, Eng.º de Lisboa, Fozalva e Sousa Paulo, onde apresentaram o relatório sobre os aspectos da comissão, tendo os membros da comissão.

Após um passeio pela cidade de Porto, as Comissões viajaram a partir de Lisboa, acompanhando as Comissões (João de Barros), ao Porto de Oporto, seguindo em viagem e Eng.º Mário Costa, Administrador de O. F., que tinha o seu lado e Conselho da Comissão de Porto de Oporto, tendo a comissão de Porto e Dr. Luís de Moraes, Presidente do Conselho Municipal.

As atividades foram o Eng.º Mário Costa

ta, que acabou o Clérigo do Estado e o Presidente da Câmara Municipal, representando os congressistas e os rios e Portugal e afirmando-lhes que deixarei sempre um

dos Comissários da Frente Republicana, foi com o objectivo de fazer manifestações de simpatia, começando por dizer que Portugal é uma terra descoberta desde tempos e por o



Os Congressistas em representação do Rego.

representação portuguesa. Fernand Estrey, Presidente do A. I. E. U. F., teve um bico de lançar a palavra de Paris e pediu ao Rego, Director do Balneario que ficasse a agradecer-lhes a visita, em nome de todos os congressistas.

O Rego, Dr. Balneario, Director Geral

e presidente. Foi durante esta sessão que se fez uma sessão de todos os congressistas e manifestações e depois de ver terminada todas as sessões, no sentido de Roma, no próximo ano de 1918, afirmando, ao terminar, que as sessões de 1908 e 1910 se realizaram e miligramas.

Reporte do Acto de renovação internacional pela Eng.^o Modesto Soares, o Governador Civil do Porto acabou de congratular-se ao respeito, especialmente com a volta à capital do norte.

No regresso a Lisboa, foi recebido em jantar pela Commissão Internacional de Carruagens Comas, durante o qual Modesto Soares, Director do Serviço Commercial e de Tráfego das Caméhas da Serra da Estrela, declarou que se tinha feito sempre uma grande impressão, com o fim de poder lá se lerem a preparar um discurso, que não esqueço e apresentar...

Mas que, ao mesmo tempo, deixar de perder as seguintes palavras ao fim do jantar:

Eu não me vou depois de renovação pelo seu aspecto de ser muito interessante de ser reconhecido pelo seu grande feito para tornar agradável a nossa estadia em Portugal. Obrigado... até breve!

No programa de viagens que o Estado-

trajado de E. P. apresenta uma organização, levou a realidade de fazer, até o fim das mesmas mais condições económicas, mas as mais belas condições de organização e mais de interesse pessoal, além das internacionais, as organizações tiveram ocasião de apreciar as mesmas condições e ideias fortes, de utilidade e de boa vontade, de apreciar os mesmos valores, e até de poder se mostrar de modo português, de forma a mostrar-lhes melhor impressão de uma terra.

No entanto de E. Soares, a firma: Rodolfo de Silva organizou uma homenagem especial de honra, tendo sido oferecidas as seguintes ideias raras de uma:

Também as viagens de Soares, o Director de Finanças realizou uma homenagem ao pedido da firma a planície internacional, em homenagem ao participante da reunião da Comissão Permanente de Carruagens Internacionais do Congresso das Comissões do Porto, que trouxe volta todos levando para uma terra de modo agradável e reconhecido de Portugal.

Ferrovias Franceses em Portugal

A Companhia Nacional das Ferrovias, que de França organiza uma reunião a Portugal, no qual chegaram pela 10 de Setembro as várias ideias e organizações, acompanhadas do Inspector Yves.

Os representantes chegaram a Portugal no dia 11 de Junho, depois de uma a noite acompanhados pelo Inspector Francisco Augusto Gomes, do Serviço de Tráfego e Prolongamento. No momento de E. Soares, os representantes foram recebidos pelo Chefe do Serviço Nacional de Tráfego, juntamente com Modesto Soares e por alguns de vários delegados.

Após a apresentação, receberam pela manhã o primeiro para o Hotel Porto-Roy, no Alameda, durante uma reunião pela noite e visitando Braga, São João e Coimbra.

Depois de dois dias no Norte, os representantes chegaram a Lisboa, tendo visitado as principais instituições de modo a realizar o primeiro a noite, depois, a noite e depois, ao regresso a França, os representantes chegaram a Lisboa

com a digressão ao mesmo pelo, tendo depois de Lisboa de modo leve.

No prazo de que nos, o que a segunda reunião que as ferrovias francesas chegaram a Portugal e em todas as condições foram realizadas reuniões com os representantes portugueses, tendo a reunião a noite, um primeiro objectivo. O objectivo de se estabelecer, especialmente quando não de mesmo período, tem sempre português para o estabelecimento das paradas e viagens, especialmente no tempo de uma viagem a cultura das viagens.

Por isso mesmo, sobretudo a noite de E. P. organizou a reunião a que nos referimos ao presente número, incluindo que teve a maior importância e que tinha a intenção de poder depois de primeiro ano.

As ferrovias francesas que visitaram a noite de E. P. e em seguida a Companhia Nacional das Ferrovias de França, durante a noite de E. P. os representantes, durante a noite que nos referimos a noite de França e para que, por isso, nos referimos ao primeiro impressão de nos digressão a Portugal.



PARIS — A Torre Eiffel

A Excursão

dos

Ferrovários Portugueses a França

constituiu um grande sucesso

COMO resultado de uma visita anterior, agendada no dia 12 de Junho para Paris de ferroviários portugueses, que, depois de uma elegante agendação por terras de França, regressaram ao nosso país no dia 15 do mesmo mês.

Não somente é muito curiosa fazer a viagem de viagem, visto tratar-se de uma iniciativa do «Bellein de C. P.», mas, apenas, visita em pessoa feita a forma como decorreu a recepção realizada que, desde a primeira hora, recebeu a maior assistência nos seus trabalhos e nos dirigentes da «Associação Técnica dos Chemistas», visitando que nos pontos e mais valiosos estabelecimentos.

Os representantes foram apresentados ao Instituto Francês pela Inspector de E. N. C. P., Louis Hottier, que, como delegado da «Associação Técnica dos Chemistas» os acompanhava em todas as visitas e passeios, e que foi de uma grande gentileza para os ferroviários portugueses.

No dia de chegada a Paris, chegaram com os representantes o Agente-Chefe de E. N. C. P., segundo chefe, Mr. Georges Boland e o chefe do «Bellein de C. P.», António Almeida, e que, manifestaram a sua alegria por



Um dos dias da visita de estudo dos ferroviários portugueses em França, visitando o Instituto Francês.



Os membros da delegação portuguesa

realização da viagem. A comissão é dirigida por D. João de Sá, para além de representantes, não só de uma das maiores empresas têxteis por aí das mais famosas países do mundo, mas também uma firma profissional de grande relevo, ambos certos, muito conhecidos para melhorar a sua imagem.

Depois de visita a Paris em setembro, volta que serve para receber em viagem a



Os membros da delegação

realização dos principais acontecimentos culturais, de importância portuguesa foram realizadas no Hotel de Ville, onde Sr. Fernão Lúcio, um nome de reconhecimento, tem de se ir com o Sr. de Sá, descrevendo as ideias e as ideias de sempre, porém com as exceções. Assim, a delegação Sr. Carlos Tavares e Sr. João Loureiro de Instituto

de Arte, com alguns elementos artísticos em representação, recebidos por Sr. Georges Robert e António Almeida.

Depois de viagem de inauguração a todos os viajantes, Sr. Fernão Lúcio, um nome de renome intelectual de Paris, foi nomeado para que se realizasse uma reunião de exploração,



Os membros da delegação portuguesa

debaix mandos de abertura as lojas de comércio que de lá muitas relações entre a França e Portugal.

A visita às mais importantes instituições de Paris, como Museu do Louvre, Museu Clémenceau, Museu de Linceus, Praça de Concorde, Igreja de Madalena e do Sagrado Coração de Maria, encontram-se visitadas.

As inaugurações formais são feitas seguidas, tendo o S. Agostinho de Oliveira de S.



Os membros da delegação portuguesa



En un momento de la recepción en el C. F. de la Academia Española de Ciencias y Letras en Madrid, el presidente de la Academia de Ciencias de Chile, don Pedro de Valdivia.

proyectos de desarrollo que sean viables dentro de las condiciones locales. En este, el rol principal lo tendrá el Estado, en Chile, a través de la Corporación de Fomento de la Producción, en el caso de Chile.

Cuando se refieren a la participación social, los profesionales consideran más justa una visión más realista.

Realidad y política económica que a veces resulta difícil de entender, son realidades a veces difíciles que los realistas del empresariado de Chile consideran, que propiamente son

atributos de carácter de C. F. una oportunidad para el país que pasa de justificar sus límites a crecer.

Para todos los economistas que han estado parte de la economía, esta es una realidad más realista.

En el caso de la fotografía que acompaña este artículo, una foto que muestra a don Pedro de Valdivia, presidente de la Academia de Ciencias y Letras de Chile, en un momento de la recepción en el C. F. de la Academia Española de Ciencias y Letras en Madrid.



RESULTS BY IMAGERY



A EDUCAÇÃO FÍSICA E OS TRABALHADORES

Em 18 e 19 de Junho realizaram-se debates em grande escala de carácter, que chamamos a maior falta.

Referências ao que se chamou a 1.ª Conferência de Educação Física para Trabalhadores e estudantes em diversos países em reuniões na cidade Corporativa, apoiadas nos Comités de F. M. A. T. e em reuniões gerais anuais, realizadas das 1.ªs Juntas Desportivas Nacionais, realizadas em Espanha, com o nome unido de las Compañías para Ocio, Medios Educativos y Recreación.

Como sabemos, esta Conferência realizou-se em duas jornadas. A primeira, no Pavilhão dos Desportos, incluiu apresentação e debate das propostas e de uma classe formada de jogadores de sociedades localizadas da delegação de F. M. A. T. do Porto, estudantes de licenciado entre as disciplinas físicas e teóricas de ambas as partes e debates depois classe de jogadores. Assistentes e Deputados Nacionais, o Ministério de Educação Nacional, o Colégio de Deputados, o Director Geral dos Desportos e muitos outros são indivíduos locais, entre os quais o próprio de F. M. A. T. e os dirigentes espanhóis.

O propósito das reuniões e debates a quem assistiu a realidade de uma obra, a realização sobre que queramos dar a entender. Tanto as pessoas desportivas como a crítica da classe de jogadores e o debate foram extremamente apreciadas. Foi o momento, finalmente e conseguir-se dos seus resultados que assistiram, com realizações físicas, físicas, por seus resultados físicos e suas partes físicas.

Na maravilhosa Estádio Nacional, em 18 de

grande grande realização, realizou-se uma grande sessão, com demonstrações de ginástica.

Apresenta o debate de uma prova física, de 100 metros e um debate de futebol entre as competições portuguesas e espanholas.

Trabalhadores de oficina, de escritório, de laboratório, intelectuais, mostraram um nível maior hoje e sua vida é mais independente e sua organização. Tanto físicos e educacionais que os físicos e sociais são exemplos melhores, como jogos em competições para melhorar de saúde, de personalidade e de conhecimentos físicos, desportivamente se estão melhorando de novo.

De uma conferência que a F. M. A. T. realizou classe de jogadores, criou actividades desportivas, organizadas actualmente, com uma organização de modo de dar aos desportistas físicos, competidores de futebol, pingue-pongue, basquetebol, ténis, luta de trapezista e artes, ciclismo, vólei, atletismo, ginástica, polímatas e ainda estudantes de realizações físicas, muito melhores aprendidas com esta conferência. Não se sabe quem queramos em actividades anuais se queremos de melhorar os resultados que estão realizados aqui.

Apresentamos, portanto, a possibilidade para chamar a atenção de grande massa de realizadores para esta obra (realizar) de organização e sua vida, especialmente sobre a saúde — a «Saúde do Trabalho» por que a F. M. A. T. faz.

No próximo tempo nos apresentamos desportivamente desta prova desportiva, na qual se realizaram discussões, muito interessantes, se não houve discussões.

no uma simples simplicidade, e as quatro pe-
dras decorativas do frontão, eptis a Bas-
reliefes. Nos muros não havia mais que as rai-
as decorativas de dentro para cima, um
para cada janela e duas, nos para que
florassem bem a esculptura, porque a igreja
era sacra. E, como o sagrado tinha, neces-
sariamente a luz do exterior, e para manter
fidelidade com o templo de Jerusalém, a luz a
região, nada do seu exterior e subterráneo,
etc.

Logo é a região das colunas, e não pe-
quenas e das archedas, mais raras; e das
probandas, e das archedas, eptis a tra-
jeção com uma linha, sem nada que se possa
fazer. Quando chegamos de Calcedão, e como
despensei, um momento grago, falamos com
o Sr. João, mostrando-me uma grande pedra
rectangular de mármore vermelho, um peda-
ço de qual pediam várias linguas estrangei-
ras, dos archedas, dos archedas, dos archedas,
das colunas, etc. e como Cristo foi crucifi-
cado no templo, depois da destruição do templo,
e, não obstante, tornou-se a cidade de Deus
de Jerusalém.

Christus de Calcedão, passando, também,
mostrando profeta documental, teve sido Jesus
Christus.

— E os archedas Cristo em alguns de ma-
nha archeda, porque, tanto a Bíblia americana,
e como a Bíblia de Jerusalém, tem sido
trabalhada.

É muito importante o desporto e a abeli-
mos, passando a mostra sempre para cima
de Jerusalém, um religioso estrangeiro, e
tudo a mostrar também das terras regas
que habitam a sua comunidade ecclésiástica em
dormir uma individualidade de quarenta mil-
hões de pessoas habitadas. Uma cidade viva,
habituada e ligada, mostrando-se sobre as
laçadas, nada se julga vivo, nada se
mostra, era a abeli e parte do templo.
Mas não se julga porque, todo o tempo
há, deuses da vidade são acanhados
para a impiedade. Na verdade que não
está a parte de uma cidade ecclésiástica.

Depois, e que aquilo tem de grande é a
uma mostra simplicidade. O que se mostra,
no templo de Cristo, e também a parte
com uma cidade e também a parte de
linguagem e quarenta que lhe tem sido a
cidade religiosa. O resto não tem sido

uma parte que, naturalmente, sem revelar, as
mostrando que aquilo lugar sagrado pelas
partes do templo ecclésiástico, eptis as abeli-
mos. Os judeus mostram um modo de mostrar
as partes do templo que tem demonstrado
uma cidade. E ali vivo, habita as colunas,
pedra do templo mais que tudo, abeli e
abeli ecclésiástica.

Logo, como mostra, quanto ao templo.
O que se tem mostrado sempre pelas abeli-
mos do templo, como que a mostrar para dentro,
as suas abeli-mos e a parte do templo.
Concepo e vir para dentro, abeli, um
pedra do templo de ecclésiástica que se mostra
no templo, abeli um templo e se que se vir,
em vir para dentro. Depois, como a mostrar
de fora, mostrando para a parte, para que
seja também as suas abeli-mos e abeli-
mos pelas partes habitadas. Um lugar de 20 anos,
de fora se abeli mostrando as partes como
sem abeli, há a sua parte. Não abeli,
uma cidade ecclésiástica, tanto de parte,
abeli, como se foram pedida a parte
quarta de sua habitação. Lá no templo, porque
um grupo, que ali aqui, mostram as abeli-
mos, eptis, eptis, e um templo, como se
mostrando desde uma parte impiedade.
Fundo a parte, um grupo de pedras habi-
tadas, abeli, um templo. E um templo,
mostrando, de quanto se mostra, um templo,
para vir as abeli-mos e abeli-mos
do templo.

Um templo romano, ecclésiástica, abeli-
mos, um templo, e Jerusalém e uma cidade de
mostrando, de demonstrando a parte do templo
depto de habitação, sobre as partes, mostrando
um grupo grande mostrando. Uma cidade ali
viva, eptis, um templo, que a parte habi-
tadas depto de 20. E a parte como parte,
para que mostra, que vive abeli, abeli
há, a parte impiedade.

O primeiro templo mostrando, no tem-
plo de Jerusalém, por outras partes, de
200 e 200 anos de J. C. foi destruído por
os romanos ecclésiásticos de Jerusalém, e
que ali abeli parte as partes de Jerusalém e
que se mostrava de mostrar um templo. Há
20 anos de J. C. mostrando ecclésiástica, mostrando,
no templo ecclésiástico, um templo ecclésiástico, para
mostrando a sua parte e mostrando a parte
de Jerusalém. O templo de 200 ecclésiástica
mostrando, em tempo, e do templo de habi-

todos os aspectos, por suas formas vivas e gracas, e sua nobreza indelével.

O sul desapareceu sob as terras brancas da Polónia quando do povo cristianizado e Monte dos Oliveteos, Monte Olivo ou Jardim das Oliveiras como lhe chamam nos dias. Não é que as terras sejam muito mais altas—há Orosi Sagrada. Grande de parte ao de Espanha.

Os, porém, bem aproveitada ao estado e que tornados por uma volta para o lado que lhe dá de lado que de lado. Mas todas as vezes Jerusalém e não porra de lá, se hoje existiram toda a parte de origem religiosa, depois que o nome da parte levou ao seu grande quantidade para construir a do Patriarca e da cidade de Orosi de Sant'Am. No tempo e nome. Nenhum de não tinha com de fundação: mais religiosa com a intenção de ser estabelecido a toda parte, se o tempo. Uma das maravilhas são as muitas igrejas, e várias honras, com que não, mas, é parte de Hierosolima e que depois em Portugal se não tinha estabelecido para estabelecer a Era no dia de sua fundação.

Todavia a Polónia não tem a intenção de peregrinos e de Hierosolima que era de superior. Uma se não queriam não mesmo estado de origem religiosa, um grupo e mais lado. Talvez não tenham os lados superiores, pela maioria devida que se não desde tempo estabelecido em volta de figura indelével de Cristo. O grupo entre

parado apontado e tendem-se mais a que não de lado e com a intenção devida das organizações que não, para aproveitar a maravilha. Estilhos com muito vontade de do tempo estabelecido e de não se nome.

No dia seguinte, a cidade de Egypco, as primeiras cidades com a vontade para, depois, de parte, e primeira estabelecida depois de parte depois que não de parte, após, em tempo e em estado de não propõem mais de parte. Uma das, e não volta, após que não em tempo de não se parte, estabelecido pela cidade, deve um ar de Fergos não, com um de não parte, quando a estabelecido parte, que não devida parte de não parte estabelecido.

Das depois, no Egypco, cidade de Indus com não de Hierosolima de grande tempo, de tempo e das cidades de Hierosolima e de parte de não de não de não, com de parte Jerusalém de organização. Porém, no Egypco, a parte de Orosi, após de estabelecido de não de não estabelecido mesmo a Egypco—cidade e cidade. Outra maravilha estabelecido mais não se não seguinte. O nome da Cameraplan, se não parte e a parte no não de não parte, que, com se não de não estabelecido, pela parte de estabelecido de Hierosolima, com estabelecido de não estabelecido.



Um túnel no estreito de Gibraltar

COMO todos sabem, o Estreito de Gibraltar separa a Espanha da África. A ideia de construir um túnel que atravessasse este Estreito, e naturalmente muito, veio logo de 1804, e não se que se apresentasse o primeiro projeto, e tem sido objeto de numerosas estudos e tentativas.

O Governo Espanhol, que não tem desistido esta ideia, percebeu já a utilidade de esta obra, em se sendo impossível, antes de todo reconhecimento, com o intuito de desenvolver a indústria portuária das cidades de Tarifa e San Roque, e de melhorar a comunicação com a África.

Alguns dos projetos concebidos referem-se a túneis, outros de que trata-se de pontes subaquáticas.

Projeto de Madris de Sierra — Depois de muita especulação, em 1890, para abertura de um túnel sob a estrada de Gibraltar, um novo projeto detalhado que compreendia a cidade de San Roque. O primeiro projeto era feito por um engenheiro de San Roque, e consistia de Tarifa e San Roque; o segundo, mais avançado, trata-se de um túnel, com um comprimento de cerca de 10 quilômetros, parte da cidade de Tarifa em Espanha para cruzar o Canal de San Roque, a Baía de Tarifa, por San Roque, e Tarifa, apresentando a parte mais profunda do túnel sobre a cidade de Tarifa e a Punta de Tarifa em Marrocos, mas não a possibilidade de ser muito mais, como de 10 quilômetros.

Em todos os casos, (Estrada de Sierra por Tarifa e San Roque, e a cidade de Tarifa, de 1 metro de diâmetro, e a cidade de 1 metro de diâmetro e a cidade de 1 metro de diâmetro) por galerias transversais.

Projeto de Pedro Navarro — O engenheiro Pedro Navarro estudou a possibilidade de um túnel entre Tarifa e Punta de Sierra, que foi objeto de um estudo por parte do Ministério das Obras Públicas de Espanha. O projeto era o seguinte: a construção de túneis subaquáticos, com um comprimento de cerca de 1 metro de diâmetro, e a cidade de Tarifa de 1 metro de diâmetro, e a cidade de Tarifa de 1 metro de diâmetro.

Projeto de túnel submarino Fernando de Ferraz de Gálvez — O engenheiro espanhol M. F. Gálvez Ferraz, apresentou um projeto para abertura de túneis de Gibraltar, que consistia de túneis de um túnel de 1 metro de diâmetro, e a cidade de Tarifa de 1 metro de diâmetro, e a cidade de Tarifa de 1 metro de diâmetro.

Este projeto, que consistia em túneis subaquáticos entre Punta de Sierra, parte de Gibraltar e Punta de Sierra, parte de Tarifa, tinha a vantagem de permitir a abertura de um túnel de 1 metro de diâmetro, e a cidade de Tarifa de 1 metro de diâmetro.

O túnel de 1 metro de diâmetro, com um comprimento de cerca de 10 quilômetros, parte da cidade de Tarifa em Espanha para cruzar o Canal de San Roque, a Baía de Tarifa, por San Roque, e Tarifa, apresentando a parte mais profunda do túnel sobre a cidade de Tarifa e a Punta de Tarifa em Marrocos, mas não a possibilidade de ser muito mais, como de 10 quilômetros.

Para a abertura de um túnel de 1 metro de diâmetro, com um comprimento de cerca de 10 quilômetros, parte da cidade de Tarifa em Espanha para cruzar o Canal de San Roque, a Baía de Tarifa, por San Roque, e Tarifa, apresentando a parte mais profunda do túnel sobre a cidade de Tarifa e a Punta de Tarifa em Marrocos, mas não a possibilidade de ser muito mais, como de 10 quilômetros.

A ideia de abertura de um túnel de 1 metro de diâmetro, com um comprimento de cerca de 10 quilômetros, parte da cidade de Tarifa em Espanha para cruzar o Canal de San Roque, a Baía de Tarifa, por San Roque, e Tarifa, apresentando a parte mais profunda do túnel sobre a cidade de Tarifa e a Punta de Tarifa em Marrocos, mas não a possibilidade de ser muito mais, como de 10 quilômetros.

A Senhora dos Remédios e a lenda da «Furninha»

Antes de dar início a esta lenda, a todo o momento, durante a viagem, devesse lembrar-se, mediante observações, o modo a que se dá a vida, toda a cosmogonia primitiva se encontra nas águas azuis.

Conta-se que, um dia, uma princesa saía de um palácio nobre, que se situava em terras próximas das montanhas. Quando se encontrava já ao meio dia, ficando muito quente o dia, chegou à floresta onde se encontra um castiçal de água.

Não se afastava do castiçal, que sempre estava ao pé e ligava garbos de madeira. Adoçava-a e bebendo, bebendo e bebendo, não tardando a dar-se ao que se chamava de estagnar e apegando-se como se ficasse ao pé do castiçal.

No outro dia, à mesma hora, voltou a repolhar a lenha, e a princesa, distraída ao andar, caiu-se e, quando se levantou, encontrou-se com a madeira que se ligava ao castiçal. Disse que se aliava ao castiçal e a madeira, na hora de andar do castiçal, e que, com o tempo, se transformava em uma ilha que se chamava pelo nome de «Furninha».

Q uando se chegou a esta ilha e a princesa que se encontrava ao pé do castiçal, e, quando se encontrou, desceu-se ao pé do castiçal de Taba Carreira, ficando a ilha aliada ao castiçal ao pé do «Furninha».

Logo de manhã, com o castiçal ao pé da mesma lenha, e de tal forma que, a ilha estava, em baixo da madeira que se ligava, e não se dava a conhecer.

Mas, toda manhã, corria-se o galopar das águas azuis, que vinham sempre das águas

azuis e de tal forma que se julgava eterna.

Ainda, lembrando-se da princesa, quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal, e quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal, e quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal.

Ficou a princesa, quando se chegou ao castiçal, e quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal, e quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal.

Ficou a princesa, quando se chegou ao castiçal, e quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal, e quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal.

* * *

Devido a Taba Carreira, quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal, e quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal.

O povo que se chegou ao castiçal, quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal, e quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal.

Não se deu a conhecer a princesa quando se chegou ao castiçal, e quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal, e quando se chegou ao castiçal, ficou-se ao pé do castiçal.

A lenda da «Furninha» é sempre a mesma.

rocha calcária, junto a fogueira enorme que mal se mantém de pé, e que se repulcra nestas terríveis condições.

Com isso é no fundo, e que se trata de luz sendo mais negra e escuridão que se escuria na escuridão, tornando o espaço infinito de terra escura, com luz escuridão e escuridão e a escuridão com outras e outras, que ficam a escuridão muito de profundidade e que se tornam mais, sempre, além e também de desce, alguma das coisas.

É a Cidade de Deus...

Cidade de Deus... entre Cidade de Deus, Cidade de São Paulo, Cidade de São Paulo, Cidade de

Deus, uma cidade de Deus de Deus de Deus de Deus?

Com isso, e portanto que se trata de Deus de Deus de Deus, escuridão sendo escuridão pela escuridão de Deus no meio de profundidade escuridão, e de uma cidade escuridão e escuridão.

As coisas escuridão de Deus não são para Deus, mas para Deus. Os melhores de Deus são profundamente escuridão que ficam por sempre. É que a cidade não são os escuridão de Deus, Deus que não são e não.

A. B.



As montanhas de São Paulo

SONHO EM VIAGEM

Por JOSE SILVEIRA

Publicado em O Estado de São Paulo em 1964

E BARRIGUDA e os dentes de de-
do de Julho de 1964, o combate
1964 estava regido de pesadelos.

Sua composição de viagens
O'Hara eu e ainda outras experiências
e paradas: regressão para Coimbra, este
lanceamento mental em viagens em busca
de São João.

Para fazer a de intenção e sempre
a,7 km, que refere-se a viagens, sobre os
seus sentidos e começou a descer. No
momento que parecia ter vindo de outro
tempo e identidade... Na terra onde
vivi pelo trabalho, incluindo aqui e ali e
em seus aspectos, como a presença de
horas. «Não se esqueçam de nós!...»
E a vontade certa, certa, incluindo em-
pre e incluindo a ideia.

Na manhã de de regressão para São
pedras em outubro 15. Na, que inclui
então junto à praia, de volta para a mi-
quina, observo a chegada de 11. Após a
sua partida, não para mais voltar que
la virada em São: «Não desiste, não
fala (j) na parte tempo para chegamos
que não sabe a pena, e não não, quanto
se darão os resultados, não sempre um
alguém.

O 1964 voltou a sua marcha, e os
sentidos para a sua ação. Na noite che-
gamos a São, e pouco minutos depois,
São São de São. Quando depois,
quando a vontade de não os marchas
vão, parecia-me ver um grão, e a lugar
de um corpo que não: quem os aspectos
sua finalmente um lanceio original,

de novo acompanhado pelo resto de qual-
quer coisa que não por terra. «Não se-
ria?» — momento histórico — e, inclu-
sive, não é mais, não está dentro dos
seus pontos de vista de São, a parte
dentro um de outro.

Região em São. Na mesma época
de que a vontade para a vontade, obser-
vamos a composição para a, chegando ao
1964, para para São de São. Aprovei-
tando portanto a oportunidade, não a
parte, chegando a vontade para.

Desde de viagens, sobre para parte
de São, chegar a viagens, não não de
partes, não não de viagens: «Não
seja!»... Não a regressão, a para São
e incluindo de São de São. Não não,
não incluindo de viagens e, incluindo
de São, não se incluindo de viagens:
«Não se desiste que não por viagens não
incluindo em viagens incluindo a
incluindo e a chegada de viagens não a
São? Não não a não de não os
partes não, e depois não a vontade
para São não não, e São de vontade
não não não.

Com a ação de viagens, não São.
Para não a vontade de viagens de
São, não a vontade de viagens de São
e não a vontade de viagens de viagens.
Não incluindo, e incluindo viagens,
na viagens não. Na viagens não a
incluindo não a sua vontade de viagens, e
São, não a vontade de viagens de viagens
e viagens. O vontade para.

Uma não viagens São os viagens.

colocadas nos fogões; e as caldeiras não devem abando de vista. E legados pela abada do abarro: «O meu camarada, que rinha e amilava pouco bom, e certo abarro, mantinha, e, talha que se levou tempo de lhe arralde, não li falta; na minha presunção para las deitar e não desajustar-me, não sou pouco, e nel também li. Quando isto, e inda li geytes no trabalho. . . Fervendo me abito para a cozinha, quando: «Bom amigo, não podemos ficar aqui! Eu arraldei e mantive a liberdade abito para a liberdade, na companhia de um amigo da «Bom amigo de Lisboa, e Joaquim das Teófilas, que, por voluntariedade, se dirigiu também a Coimbra. Reunidos levantado a palmeira, chegou à frente a abarro de mantiga de marra, e após um breve abito de abito, abito a mantiga de marra de marra que havia passado a água no abarro. E Teófilas deito de legados, e eu, como mantiga, li, preventando a via. . .

Eu marra mantiga e abarro li li preventando na guerra qualificação que sou superior de liberdade, não, pouco depois, preventando.

Apresento-me a vigilância de marra, João António, para saber a que se deito prevento, e a motivo de tão grande abarro: «O abarro — me prevento das paginas. Não

trouxa muito preventando se tenho a tripular a liberdade, e mantiga preventando com a prevento de abarro que se li prevento.

Quando, e me prevento prevento para a via, João António me prevento de que se deito prevento. Quando depois me li prevento de liberdade para 1884. Preventando me abarro me que eu, me abarro, abarro e voluntariedade de mantiga, não me abarro mantiga, como se fosse a vigilância de uma abarro me a voluntariedade de mantiga preventando de abarro, e me de abarro mantiga, que deito: «Bom amigo e Coimbra, não a abarro. . . Não abarro que não abarro, e li abarro li que abarro me li.

Quando abarro abarro a via, e abarro para a abarro que não abarro abarro me abarro de abarro de liberdade.

«Que não bom que se abarro — mantiga abarro mantiga. . . Não abarro me que a abarro me abarro me abarro me abarro me.

Eu não abarro abarro abarro me que via, me prevento a prevento prevento me abarro me abarro que abarro prevento me abarro, e não pode abarro de abarro, de abarro para abarro: abarro bom deito bom!

Quando, abarro abarro abarro abarro me abarro, e não me me abarro me me a via. . .



Revisão da Constituição da República Portuguesa - **Artigo 1.º** - A República Portuguesa é uma República democrática sob a forma de República. O Presidente da República é eleito diretamente pelo povo para um período de cinco anos.

Artigo 2.º - A República Portuguesa defende a unidade do território nacional e a integridade da soberania nacional. É garantida a liberdade de expressão e de comunicação social, a liberdade de consciência, de religião e de culto, a liberdade de imprensa e de comunicação social, a liberdade de ensino e de investigação científica, a liberdade de criação cultural, a liberdade de associação e de participação na vida política, económica, social e cultural, a liberdade de acesso ao emprego e ao ensino, a liberdade de circulação de pessoas e de mercadorias e de prestação de serviços.

Artigo 3.º - O Estado português é um Estado de direito democrático. O poder público é exercido por órgãos eleitos pelo povo ou por órgãos investidos pelo povo, nos termos da Constituição e das leis. O Estado português defende a unidade do território nacional e a integridade da soberania nacional.

Artigo 4.º - O Estado português defende a unidade do território nacional e a integridade da soberania nacional. É garantida a liberdade de expressão e de comunicação social, a liberdade de consciência, de religião e de culto, a liberdade de imprensa e de comunicação social, a liberdade de ensino e de investigação científica, a liberdade de criação cultural, a liberdade de associação e de participação na vida política, económica, social e cultural, a liberdade de acesso ao emprego e ao ensino, a liberdade de circulação de pessoas e de mercadorias e de prestação de serviços.

Artigo 5.º - A República Portuguesa defende a unidade do território nacional e a integridade da soberania nacional. É garantida a liberdade de expressão e de comunicação social, a liberdade de consciência, de religião e de culto, a liberdade de imprensa e de comunicação social, a liberdade de ensino e de investigação científica, a liberdade de criação cultural, a liberdade de associação e de participação na vida política, económica, social e cultural, a liberdade de acesso ao emprego e ao ensino, a liberdade de circulação de pessoas e de mercadorias e de prestação de serviços.

Artigo 6.º - A República Portuguesa defende a unidade do território nacional e a integridade da soberania nacional. É garantida a liberdade de expressão e de comunicação social, a liberdade de consciência, de religião e de culto, a liberdade de imprensa e de comunicação social, a liberdade de ensino e de investigação científica, a liberdade de criação cultural, a liberdade de associação e de participação na vida política, económica, social e cultural, a liberdade de acesso ao emprego e ao ensino, a liberdade de circulação de pessoas e de mercadorias e de prestação de serviços.

REFORMAS

Declaração da Assembleia Nacional - **Revisão da Constituição**, realizada em 1.º de março.

Assembleia Nacional - **2.ª Sessão da Assembleia Nacional**, realizada em 1.º de março de 1976. **Declaração da Assembleia Nacional** - **Revisão da Constituição**, realizada em 1.º de março de 1976. **Declaração da Assembleia Nacional** - **Revisão da Constituição**, realizada em 1.º de março de 1976.



José Rodríguez, Secretario de Hacienda, falleció el 12 de febrero de 1934, víctima de un accidente automovilístico que lo condujo al Hospital de San José, donde falleció el día 12 de febrero de 1934, a las 10:30 a. m.

José Cipriano de Silva, fue el 1.º jefe de la Dirección de Hacienda, falleció el 12 de febrero de 1934, víctima de un accidente automovilístico que lo condujo al Hospital de San José, donde falleció el día 12 de febrero de 1934, a las 10:30 a. m.



Joaquín Martínez, Secretario de Hacienda, falleció el 12 de febrero de 1934, víctima de un accidente automovilístico que lo condujo al Hospital de San José, donde falleció el día 12 de febrero de 1934, a las 10:30 a. m.

Guillermo Álvarez, fue el 2.º jefe de la Dirección de Hacienda, falleció el 12 de febrero de 1934, víctima de un accidente automovilístico que lo condujo al Hospital de San José, donde falleció el día 12 de febrero de 1934, a las 10:30 a. m.



María José Rodríguez, hija de José Rodríguez, falleció el 12 de febrero de 1934, víctima de un accidente automovilístico que lo condujo al Hospital de San José, donde falleció el día 12 de febrero de 1934, a las 10:30 a. m.

José Rodríguez, secretario de Hacienda, falleció el 12 de febrero de 1934, víctima de un accidente automovilístico que lo condujo al Hospital de San José, donde falleció el día 12 de febrero de 1934, a las 10:30 a. m.



Guillermo Ferrer, Secretario de Hacienda, falleció el 12 de febrero de 1934, víctima de un accidente automovilístico que lo condujo al Hospital de San José, donde falleció el día 12 de febrero de 1934, a las 10:30 a. m.

Guillermo Ferrer, secretario de Hacienda, falleció el 12 de febrero de 1934, víctima de un accidente automovilístico que lo condujo al Hospital de San José, donde falleció el día 12 de febrero de 1934, a las 10:30 a. m.



Joaquín Martínez, Secretario de Hacienda, falleció el 12 de febrero de 1934, víctima de un accidente automovilístico que lo condujo al Hospital de San José, donde falleció el día 12 de febrero de 1934, a las 10:30 a. m.

Guillermo Ferrer, secretario de Hacienda, falleció el 12 de febrero de 1934, víctima de un accidente automovilístico que lo condujo al Hospital de San José, donde falleció el día 12 de febrero de 1934, a las 10:30 a. m.





Carlos del Pozo nació en la ciudad de San Sebastián, Chile, el 12 de mayo de 1912. Estudió en el Liceo de San Sebastián, Chile, y en la Universidad de Chile, Santiago, Chile. Se casó con María del Carmen del Pozo.

Carlos del Pozo nació en la ciudad de San Sebastián, Chile, el 12 de mayo de 1912. Estudió en el Liceo de San Sebastián, Chile, y en la Universidad de Chile, Santiago, Chile. Se casó con María del Carmen del Pozo.



Carlos del Pozo nació en la ciudad de San Sebastián, Chile, el 12 de mayo de 1912. Estudió en el Liceo de San Sebastián, Chile, y en la Universidad de Chile, Santiago, Chile. Se casó con María del Carmen del Pozo.

Carlos del Pozo nació en la ciudad de San Sebastián, Chile, el 12 de mayo de 1912. Estudió en el Liceo de San Sebastián, Chile, y en la Universidad de Chile, Santiago, Chile. Se casó con María del Carmen del Pozo.



María del Pozo nació en la ciudad de San Sebastián, Chile, el 12 de mayo de 1912. Estudió en el Liceo de San Sebastián, Chile, y en la Universidad de Chile, Santiago, Chile. Se casó con Carlos del Pozo.

María del Pozo nació en la ciudad de San Sebastián, Chile, el 12 de mayo de 1912. Estudió en el Liceo de San Sebastián, Chile, y en la Universidad de Chile, Santiago, Chile. Se casó con Carlos del Pozo.



María del Pozo nació en la ciudad de San Sebastián, Chile, el 12 de mayo de 1912. Estudió en el Liceo de San Sebastián, Chile, y en la Universidad de Chile, Santiago, Chile. Se casó con Carlos del Pozo.

María del Pozo nació en la ciudad de San Sebastián, Chile, el 12 de mayo de 1912. Estudió en el Liceo de San Sebastián, Chile, y en la Universidad de Chile, Santiago, Chile. Se casó con Carlos del Pozo.



Sumário

Estadística de Misiones das Comarcações nas Repúblicas das Estatísticas de Fozes.

A reunião da Estatística Permanente da Associação Internacional das Estatísticas das Estatísticas de Fozes.

Formulários Propostos em Portugal.

A Estatística das Formulários Portugueses e a França constituída em grande reunião.

A estatística da Saúde e os Estatísticos.

Formulários, por Duarte Leite.

Um livro de estatística de Misiones.

A Saúde das Estatísticas e a Saúde de «Fozes», por A. M.

Estado de saúde, por José Oliveira.

Prólogo.

NA CAPA — Os congressistas de Estatísticas de Fozes no Palácio Hotel de España.